



O ESCOTEIRO GAUCHO

ANO II

AGOSTO DE 1954

N.º 3

O ESCOTEIRO GAUCHO

Secretaria de Publicidade da Região Escoteira do
Rio Grande do Sul

Rua Castro Alves, 398

Diretores Responsáveis:

Walter H. Rüdiger - Caixa Postal, 486

Lauro Nunes - Av. Amazonas, 1395

Pôrto Alegre — Estado do Rio Grande do Sul — Brasil

Pequenas Cousas Preciosas aos Olhos de Deus

SORRI na monotonia do dever quodidiano

CALA, quando percebes que alguém errou

ELOGIA, àquele que operou o bem

PRESTA um serviço à quem te está sujeito

APERTA cordialmente a mão do que está triste

FALA com doçura aos impacientes e aos importunos

OLHA com afeto para quem esconde uma dôr

CUMPRIMENTA afavelmente os humildes

RECONHECE humildemente a tua fraqueza

ARREPENDE-TE sinceramente do mal feito.

LEGENDA DA CAPA

O escoteiro Oscar Martins de Lima, da Tropa Manoel da Nóbrega, do Colégio Anchieta de Pôrto Alegre, por ocasião de um acampamento junto à lagoa dos Patos.

O ESCOTEIRO GAUCHO

ORGÃO OFICIAL DA REGIÃO ESCOTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

N.º 3

Ano II

O QUE SÃO E PARA O QUE SERVEM OS ACAMPAMENTOS ESCOTEIROS OU SEJA O SEU VALOR EDUCATIVO

(Palestra radiofônica proferida a 5 de maio de 1954 pela Rádio Gaúcha de Porto Alegre)

Por Flecha de Fogo

Nunca é por demais posta em evidência, a importância do acampamento, especialmente quando ele é vivido entre os escoteiros.

Quer se trate de acampamentos de Tropas Escoteiras, de Concentrações Regionais, Nacionais ou Internacionais, esta interessante atividade escoteira tem os mais largos objetivos educativos, tanto de ordem física como moral.

Acha-se provado, não pela teoria apenas, mas sobretudo pela prática, ser o acampamento escoteiro, feito de vida simples e fraternal, uma autêntica escola de educação, em que as lições magníficas extraídas do livro admirável da natureza, são estímulos a disciplinar a vontade e despertar o espírito.

O acampamento escoteiro, quando bem organizado, isto é, com propósito não só de simples respiração do ar puro, o que de per si já é de se recomendar, mas animado de preocupações mais completas, é capaz de conseguir o que em casa, os pais não alcançam com discursos e conselhos.

O essencial é que exista uma orientação, um princípio base a influir e a orientar; e é então que vemos frequentemente operarem-se aqueles milagres na vida de um rapaz, inexplicável para muitos, não porém, para os chefes escoteiros.

Quem pode calcular o que vale a permanência de um grupo de rapazes sob a orientação de um chefe escoteiro, durante alguns dias num acampamento em que, cada um deve desempenhar-se das obrigações que lhe são distribuídas onde tudo é feito pelos próprios rapazes, porque: "o escoteiro deve bastar a si próprio"?

Pode-se então avaliar, quantos rapazes ali perdem a tendência para a vaidade, para um snobismo doentio e pernicioso?

Um dia os rapazes de certo grupo, acamparam em determinado local.

O chefe levava um rapaz teimoso e por vezes acentuadamente vaidoso. Pois nesse dia foi ele o escolhido para o trabalho talvez mais humilde da cozinha: lavar a louça. Ao lhe ser comunicada a ordem, ruborizou-se, mas era escoteiro e amava o Escotismo, e cumpriu a ordem. Outros acampamentos se seguiram, e sempre o mesmo rapaz continuava a ser designado para o mesmo serviço. Nunca de sua boca ouviu-se uma queixa. Percebeu-se a princípio que lhe custava... mas jamais se manifestou indisciplinado. Cumpriu sempre a ordem recebida. Então o chefe, no fim de certo acampamento, com o

grupo todo reunido, depois de algumas referências ao andamento de vários trabalhos e desempenho dos escoteiros dêles encarregados, apresentou o caso do tal rapaz, falando dêle em palavras elogiosas para exemplo de todos. O escoteiro visado, pediu no fim, licença para dizer duas palavras. A sua atitude provocou surpresa, mas o chefe deixou-o falar. Ele então adiantando-se disse:

— “Nunca recebi tão forte lição como a que aprendi no decorrer dos nossos acampamentos, ao fazer o serviço que me designaram. Da primeira vez senti vontade de dizer não; da segunda veio-me a idéia de faltar ao acampamento; da terceira vez achei demais e lembrei-me de reclamar ao chefe; da quarta vez percebi a intenção da chefia; da quinta vez resignei-me a esperar o fim disto tudo; e da sexta vez que é hoje, foi o desfecho. Não estou arrependido e agradeço ao chefe a boa lição que me deu”.

Depois de passada a época dos acampamentos o rapaz era outro. Tinham desaparecido aquêles ares de “importância”... que a sua situação social erradamente lhe podia permitir, e passou a ser “irmão de todos os escoteiros”. Foi no acampamento, orientado por um chefe competente, que acordou para a grande realidade da vida: — Todos somos irmãos e só a vitude nos dignifica.

O acampamento, tal como é praticado pelo Escotismo, tinha formado mais um caráter!

Passaram-se os anos, e ainda hoje, o “tal rapaz” que já é pai de outros rapazes, aponta a seus filhos a influência que tiveram em sua vida, **aquela meia dúzia de acampamentos escoteiros.**

VAMOS CANTAR! CHEFE.

E' nosso velho conhecido e amigo, o chefe David M. de Barros, que em sua primeira visita ao Rio Grande, nos disse: “A tropa que canta, embora parada, está caminhando para o sucesso...” Guardamos com carinho, os conselhos sinceros do grande chefe, e hoje afirmamos: cantar é muito importante! Chefe, você costuma cantar com seus escoteiros? Se a resposta for negativa, é porque ainda não reparou o proveito que se pode tirar do canto, para a formação de rapazes alegres e disciplinados.

Como quando jogamos, porque o canto também é um jogo, e ajuda a desenvolver a atenção e o auto-domínio e cada menino.

Ele pode resolver o problema do menino tímido, que já fez sua promessa escoteira, mas que, realmente, ainda não “entrou” na tropa, criando um ambiente mais alegre e mais unido.

Pode também dar um maior conhecimento de línguas, dos costumes de cada estado ou país, do “folclore” nacional e estrangeiro. Você não acha que já conhece um pedacinho dos Estados Unidos, quando aprende “Ô Suzana”?

Tudo isto, chefe, é claro que não se conseguirá em uma reunião, ou com duas canções. E' preciso muito treino e um pequeno repertório, mas bem variado. Ensine marchas patrióticas, para as solenidades; canções regionais, tristes e alegres, para os Fogos de Conselho. Faça um hino ou canção para a sua tropa (experimente e verá que não é difícil) e não desanime, se no princípio sair fraco e desafinado. Não faz mal também que sua voz não seja boa, cubra com entusiasmo esta falha. Você pode organizar um livrinho de canções, ao qual cada escoteiro trará a sua colaboração. E' um princípio de vida artística na tropa.

Cante pois, chefe. Cante com seus escoteiros, ou então no próximo Fogo de Conselho, você talvez ouça, da boca de algum lobinho, o último “infernai” ou sambinha da moda. Nem que fosse só para evitar isto, vamos ensinar ao menos 10 minutos de canto em cada reunião aos nossos irmãos mais novos.

E... Vamos Cantar, Chefe!

A palavra do Chefe



A ilha de Brownsea, perto de Portsmouth, mede mais de duas léguas de largura, por uma de comprimento. Na parte próximo ao mar, encontra-se o belo e antigo castelo quadrado, com uma torre, construído em 1530 para proteger a cidade de Poole, dos estragos dos piratas.

No ano 1865 o rei Carlos II, que vivia em Salisbury, para escapar a praga que reinava em Londres, visitou a Brownsea, como o fez também o Príncipe de Gales em 1741, e Jorge IV, em 1818.

Pois bem, nesta romântica ilha, ensalei no outono de 1907, um acampamento com um grupo de rapazes, para pôr em prática algumas idéias, e outros conhecimentos que julgava pudessem ser de utilidade para qualquer rapaz.

Eram meninos de colégio públicos, oficinas e fábricas, filhos de Lordes e operários.

Misturei-os como passas em uma cuca.

Como ajudante nesta tarefa, contei com Mr. Percy Everett. Começamos a armar nossas barracas, e fazer trabalhos de exploradores marítimos, seguir pistas, tudo sob uma disciplina ordenada.

Os meninos não necessitavam ordens severas nem castigos para estabelecer esta disciplina entre eles.

Convenci-me de que os rapazes sempre são os mesmos, em qualquer tra-

balho que ocupem na vida, mesmo nas mais diversas partes do mundo.

A experiência teve o melhor resultado prático.

Depois de levantar o acampamento, e de volta a nossos respectivos lares, recebi cartas de quasi todos os participantes, dizendo-me o quanto haviam gostado, e quantas cousas úteis haviam aprendido.

Recordo-me por exemplo, de uma carta de um menino que trabalhava em uma ferraria, em que referia, que quando chegou em casa, adotou meu conselho de dormir com a janela aberta por completo. Isto produziu um alarme em sua familia, por temer os resfriados, porém, logo todos os seus se acostumaram.

(Decorridos vinte anos, parte dos participantes deste acampamento reuniu-se com Baden Powell em Hampshire. Foi um encontro alegre e comovedor, todos já eram homens, e em alguns os cabelos já estavam meio grisalhos, espiritualmente, entretanto, eram os mesmos do acampamento de Brownsea).

Dos ausentes: 7 haviam morrido na Grande Guerra (1914), 7 estavam na Africa, India e Canadá.

Qual foi então o resultado deste primeiro Movimento Escoteiro?

Foi que escrevi o "Escotismo para Rapazes", para que outros pudessem seguir as experiências com os meninos.

O Movimento Escoteiro tomou corpo, e na primeira reunião geral no Palácio de Cristal (Londres) compareceram 11.000 escoteiros ingleses.

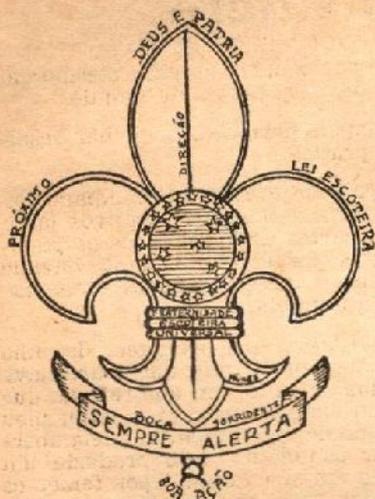
"A planta da Ilha de Brownsea havia crescido, e produzia sementes".

Resolvi então retirar-me do exército para atender a este Movimento.

Hoje, constitue o Movimento, uma Irmandade Internacional, que trabalha sob uma mesma Promessa e uma mesma Lei, usando os mesmo Jogos e Práticas.

Nota — Apresentaremos em cada edição do "Escoteiro Gaúcho", uma pequena palestra do Fundador do Escotismo, como preito de gratidão à memória daquele que nos legou esse ideal tão nobre e cristão, para que as palavras do chefe sejam conhecidas por todos que fazem parte do Movimento.

FLOR DE LIS



A insígnia geral do Movimento Escoteiro é a FLÔR DE LIS, adotada por quase todos os países escoteiros do Mundo, embora com algumas modificações que a revestem de rasgos e traços característicos.

Desde as mais romótas épocas da antiguidade, foi usada a FLÔR DE LIS para adornar, como Sinal de Nobreza, os céetros e mantos dos Imperadores franceses, lombardos, gregos e romanos.

Era igualmente usada nas primeiras bússolas e mapas marítimos para indicar o norte.

Nos séculos dos descobrimentos, quando homens valentes aventuravam-se ao mar para a conquista de terras incultas, o norte era o único ponto de referência, e a FLÔR DE LIS que os assinalava, passou a ser o emblema dos escoteiros, sendo também ela o "norte" que os guia na vida.

As duas idéias: NOBREZA E NORTE, determinaram a adoção da FLÔR DE LIS como simbolo escoteiro: nobreza de sentimentos e orientação segura.

Quando Baden Powell era oficial nas colônias britânicas, e ensinava aos seus soldados a arte escoteira, pensou em conceder àqueles homens que se mostrassem aptos para a vida dos bosques, um distintivo que levassem no braço.

Propôs assim Baden Powell pela primeira vez a FLÔR DE LIS como insígnia em 1897, quando organizou o esquadrão de exploradores militares

no 5.º Regimento dos Dragões da Índia, e obteve para tal a permissão do Ministério da Guerra Britânica, para que a usassem no uniforme, após um rude e eficaz treinamento. Era aquela mesma FLÔR DE LIS tomada das bússolas e cartas marítimas.

Entretanto, não foi senão em 1907, no primeiro acampamento escoteiro realizado na Ilha de Brownsea, que Baden Powell a usou pela primeira vez como distintivo escoteiro, com ligeiras modificações, porque assinalava a direção para o ALTO, o caminho que se deve seguir para cumprir com o DEVER e ser UTIL aos semelhantes.

Seu significado, não é mais que um conjunto de deveres, que se acham identificados nas distintas partes que a integram, de modo que, o seu portador conduz um distintivo de honra que constantemente lhe recorda o cumprimento do dever.

O significado de suas partes é o seguinte:

As três pétalas recordam os três pontos da Promessa Escoteira.

A pétala central, encontra-se dividida, em algumas insígnias, em duas partes, por uma linha que simboliza uma agulha imantada e recorda que o escoteiro deve encontrar o caminho; esta pétala representa a primeira parte da Promessa: DEUS E PÁTRIA.

A pétala da esquerda simboliza o segundo ponto da Promessa Escoteira: SERVIÇO AO PRÓXIMO.

A pétala da direita nos lembra o terceiro ponto da Promessa: CUMPRIMENTO DA LEI ESCOTEIRA.

Nas pétalas laterais figuram por vezes duas estrelas de cinco pontas cada uma, que recordam ao escoteiro o fato que devê ter os olhos bem abertos, observando todas as cousas; cada uma delas com cinco pontas dão ao todo dez na soma, e simbolizam os 10 artigos da Lei Escoteira.

As tres pétalas encontram-se unidas por um anél que significa a união da FRATERNIDADE ESCOTEIRA UNIVERSAL.

A faixa que se encontra em baixo, com o lema SEMPRE ALERTA, simboliza o sorriso amável do escoteiro, isto é o 8.º artigo da Lei.

Da faixa pende um nó direito, o qual recorda ao escoteiro a obrigação de fazer a sua BOA AÇÃO DIÁRIA.



TUA MISSÃO MONITOR

Por P. L. Philippe

TAL MONITOR TAL PATRULHA

Fazem já três anos, que a Patrulha da Cegonha é a glória da Tropa.

Confiei-a, a Francisco, sub-monitor de Bernardo, quando este passou para o Clan de Pioneiros. Desde seis meses atrás Bernardo, que era monitor da Patrulha, tinha preparado a seu submonitor, prevendo sua passagem ao Clan. Insensivelmente, e muito discretamente, havia confiado a Francisco, mais e mais responsabilidades na direção da Patrulha.

Francisco era então um escoteiro bastante bom, porém sem nada de extraordinário. Tinha entrado para a Patrulha da Cegonha, como aspirante, e 8.º escoteiro da Patrulha, chegando a ser 3.º, por pequenas etapas, em dois anos, e, por causa de certas trocas ocorridas na Tropa, havia sido escolhido por Bernardo, para seu sub-monitor, mais por sua boa vontade, que por suas qualidades particulares. Não possuía todavia, sua Primeira Classe, o que era uma séria preocupação para seu Monitor; tinha algumas especialidades clássicas e sérias: Ajudante de Missa, Acampador, Nadador e Trabalhos Manuais. Em fim, um bom escoteiro mediano. Por outra parte, Bernardo sempre se satisfizera com sua disciplina leal e desinteressada, com seu magnífico espírito escoteiro, apesar de algumas cousinhas, já esquecidas. Seu entusiasmo pouco perceptível, se traduzia por sua fidelidade à missão recebida de sub-monitor, a qual desempenhava com desinteresse e humildade.

Tão pronto teve o comando de sua Patrulha, operou-se nêle uma verdadeira transformação. Nos primeiros tempos, Francisco sem abusar, com uma autoridade excessiva, dos novos

poderes recém recebidos, adquiriu logo uma ascendência extraordinária sobre seus escoteiros. Quando se pensa nisto, não há nada de estranho; pois em poucos meses, conquistou sua Primeira Classe, e obteve as especialidades de Ginasta, Observador e Sinalheiro: logo se fez querer por seus rapazes, por sua amizade viril, sua sensibilidade seu novo entusiasmo, que se mostrava constantemente em todo seu modo de ser; alegria comunicativa, bom humor nas dificuldades, perseverança. No primeiro concurso da Tropa, do ano, infundiu tanto ânimo, repartiu o controlou as missões de cada um, com tacto e firmeza, deu provas de tanta imaginação, trabalhou com tanta astúcia, que seus rapazes, seguindo-lhe o exemplo, somente quiseram uma cousa: o êxito.

Desde aquele instante a Patrulha da Cegonha, foi um bloco invencível; tomou logo a dianteira sobre os Falcões e os Castores, algo descuidados, e ganhou não sem vencer dificuldades, o concurso de adorno do canto da Patrulha, e muitos outros posteriores.

Os dois anos que se seguiram, foram verdadeira confirmação deste primeiro passo; a disciplina, a organização, o entusiasmo, o valor e o espírito escoteiro das Cegonhas, fizeram deles uma "Patrulha Ideal", que a miudo, se citava como exemplo.

Ganhou o Concurso Municipal entre Patrulhas, em Habilidade Manual. Sua façanha consistiu em plantar uma cruz de cinco metros sobre uma montanha. Nessa ocasião, se puzeram em dia os arquivos da Patrulha, e se conquistaram doze especialidades, o que não está mal para oito escoteiros. Destacou-se outrossim

nos Jogos e competições deste Concurso, por sua apresentação, seu estilo impecável e seu espírito de patrulha: "Um por todos, todos por um."

Sem embargo, esta vitória não foi seguida de outras, já que a Cegonha perdeu no Torneio Provincial. E foi este, o único feito que perturbou o céu claro das Cegonhas. Porém, ainda em dias sombrios, e fracassos, a patrulha soube mostrar-se digna e orgulhosa.

Assim as Cegonhas conquistaram pouco a pouco, sua reputação atual de excelente Patrulha.

Desejo-te, Monitor amigo, que me lês, que venhas a ter sob tuas ordens, uma patrulha semelhante. E, com esta confiança, apresento-te como exemplo, as Cegonhas.

—!—!—!—!—!—!

A ORGANIZAÇÃO DAS CEGONHAS

Francisco tinha o costume, desde os primeiros meses de seu compromisso Escoteiro, de anotar em uma caderneta, tudo referente a organização e direção de sua Patrulha. Suas folhas quadriculadas, de 15x10 cm. mudáveis, permitam-lhe tê-la sempre no bolso de sua túnica ou da camisa.

Vejo Francisco, caderneta em punho, colhendo ao acaso, uma idéia interessante, um pensamento adequado, uma B. A. por realizar, um conselho aproveitável. Assim, abrindo uma página sobre a prática, aparecem estas palavras:

"Artigo 8.º raio de sol..."

O chefe comparou um dia, o bom humor escoteiro, ao raio do sol, que põe alegria na natureza, e atrai o sorriso a todos os lábios.

Para segurar essa idéia e fazer beneficiário dela à seus escoteiros, Francisco a anotou com uma palavra; pa-

receu-lhe interessante, e na realidade o é.

Sua caderneta acha-se feita da seguinte maneira:

Na primeira página: Nome da Patrulha, emblema, lema, nome do Grupo, Município, Estado. Não tem o nome, porque considera que ela pertence ao Monitor, das Cegonhas, e não a ele pessoalmente.

Praticamente sua caderneta é dupla: uma para a parte oficial, outra para a parte prática.

Histórico da Tropa: princípios, acampamentos, concursos entre as Tropas.

Histórico da Patrulha: nome dos escoteiros, por ordem de antiguidade, os acampamentos, as reuniões, os locais de acampamento.

Composição da Patrulha: nome e endereço dos escoteiros, data de nascimento, promessa, provas, números de caderneta escoteira, por fim, tudo o que se relaciona aos escoteiros de sua Patrulha, na razão de uma ou duas páginas para cada um.

Cargos, atribuições dos escoteiros, em uma página especial.

Calendário com reuniões, saídas, acampamentos, conselhos de Patrulha.

Presenças e faltas, concursos e resultados dos mesmos, inspeções, jogos, provas, na razão de uma página por escoteiro, e para cada mês.

Programa, tipos de reuniões e de saídas, tudo que se refere a provas, as principais especialidades, o acampamento... em fim, a organização completa e a vida da Patrulha.

Lendo novamente sua caderneta, chegou a conclusão de que não é somente uma verdadeira mina de "lembretes" e de documentação de Classes, como também um manual completo. E deste documento, tirei para ti, Monitor, o que segurar no próximo número desta revista.

Seguros DE VIDA? Previdência do Sul - desde 1906

Uniforme Escoteiro

"Quando comecei com o movimento escoteiro, escreve seu fundador Lord Baden Powell, pensei formar um uniforme que atraísse ao menino pela apresentação e que fosse prático para a vida ao ar livre. Assim, o uniforme escoteiro compõe-se de peças simples e práticas, e é democrático, porque cobre toda distinção de classe e diferença de nacionalidade. É um tipo adequado a todos os países, pois tanto prova que foi adotado por todo o mundo, com ligeiras modificações em alguns países."

Eis aqui algumas considerações acerca das principais peças do uniforme do escoteiro:

O **CHAPÉU DE ABA LARGA**, é o distintivo clássico do escoteiro, preservando da chuva e do sol. Sua cor dissimula o pó das estradas.

O **LENÇO DO PESCOÇO**, é uma peça muito prática, que protege contra o sol, servindo as vezes de toalha, ou venda nos jogos de acampamento. Pode-se, com êle, construir macas improvisadas, assim como serve para improvisar bandeirolas de sinalização. Pela sua cor permite distinguir uma Tropa da outra.

A **TÚNICA**, dá liberdade aos braços e tronco, e é fresca. A cor cáqui dissimula o pó das marchas. Nas longas caminhadas convém levar duas túnicas, a fim de que, quando a que se usa estiver úmida por transpiração tem-se outra para substituí-la, enquanto se lava e seca a primeira.

AS CALÇAS CURTAS, é a verdadeira calça escoteira. Custam menos e são mais higiênicas e práticas que as calças compridas. E mais, é uma característica exterior que distingue o escoteiro, já que seu uso reflete o amor e orgulho que sente o menino ou adolescente, por pertencer ao movimento escoteiro. O escotismo é uma instituição para jovens e adultos, com alma para tal, e não tem lugar no escotismo, para os que se sentem imbuídos de falsas concepções da verdadeira personalidade.

O **BASTÃO**: É um intensilo de grande utilidade para o escoteiro. Serve para subir morros, como meio de de-



fesa, para fazer tripés de apoio, improvisar pontes, construir camas de acampamento, levantar barracas, para formar cordões em manifestações públicas, para fazer escadas, tatear o caminho na escuridão, saltar obstáculos, medir distância, e uma infinidade de outros usos.

O **CABO**: Desempenha um papel muito importante na vida do escoteiro principalmente no acampamento. Com êle se constroem pontes, escadas. Faz-se uma infinidade de nós e laços para escaladas e descidas etc. Serve para subir em árvores, para a construção de camas de campo, para salvamentos.

O menino, uniformizado, sente-se mais importante, e isso o estimula para seguir com verdadeiro interesse em seu aperfeiçoamento escoteiro.

A influência do uniforme, no espírito do menino, é um dos seus mais importantes valores. Vestir-se com o uniforme de escoteiro deve significar reconhecimento de boa conduta e de ter valores morais adquiridos.

O verdadeiro escoteiro, deve ser reconhecido imediatamente, pela dignidade com que leva o uniforme, pelo asseio de sua pessoa por sua linguagem corrêta e por suas atitudes amáveis.

Com base democrática, fundou Baden Powell o escotismo na Inglaterra, quando na ilha de Brownsea, com suas

quatro patrulhas, compostas de meninos de vários colégios aristocráticos, de fábricas e dos cortiços de Londres. O uniforme que todos usavam em idênticas condições, contribuiu para fomentar nêles o espirito de verdadeira fraternidade, e sua conveniência em conjunto desenvolveu a criação da Irmandade Escoteira Universal.

DENTRO DA NOITE



Estava com frio, apesar do cuidado que tivera em cobrir-se bem. Tinha preparado tudo com esmero, e estava seguro de não ter esquecido nenhum detalhe. Pensando, recordou como havia ganho a votação para dormir no meio da barraca, entre Alberto e o "Roncador". Como preparara as cobertas e o travesseiro. Mudara a roupa do dia por um pijama de flanela quente e vários suéteres. As meias, por umas sapatilhas de lã, que nunca deixaram passar o frio.

Ora, até pusera luvas de lã; o caso, porém, era que estava com frio.

Moveu os pés, só para assegurar-se que ainda os possuía.

Ficou quieto para ver se assim pouco a pouco esquentasse. Sentiu, entretanto, que os pés se haviam descobertos, e teve que sentar-se para cobri-los.

Alberto, o Roncador, e os demais, pelo que se podia notar, já dormiam, pois só se ouvia seu respirar compassado.

Fora da barraca, também reinava um grande silêncio. O silêncio do campo, que na realidade não é tão silencioso. Ouvia-se por vèzes, o vento em breves soprões, colar-se entre as árvores, o cair de um ramo ou de uma pinha, o ronco da madeira no bosque.

Sem dúvida, lá fora fazia um frio muito mais intenso do que dentro da barraca. Ao menos ali dentro não soprava o vento. Nas noites tão frias, é frequente encontrar-se o céu muito limpo, no qual se vêem milhares de estrelas. Seguramente neste momento haveria muitas, milhões de estrelas, acima da barraca. Que bonito devia estar o céu!

Podia-se imaginar perfeitamente o amarelado cintilar das luzinhas do povoado. Logo recordou os animais do campo. Teriam muito frio os passarinhos? Pobrezinhos. Que vontade de esquentá-los suavemente entre as mãos!

Respirou profundo. Realmente era maravilhoso estar em pleno campo. Fazia frio, o chão além de estar muito duro tinha pedras por todos os lados e a cama não tinha ficado muito deliciosa. O caso, porém, era que nisso estava a felicidade: O frio, a noite, os companheiros...

Sim, os companheiros. Que raro! Seis rapazes, sem serem parentes, nem irmãos, dormindo no solo, a muitos quilômetros de suas respectivas casas. Porquê estavam ali? Na realidade não o sabia. Mas, nunca havia pensado nisso. Mas devia haver alguma razão muito importante que unira êstes jovens que respiravam juntos e compassadamente, dormindo sob uma barraca.

Ele por si, estava ali por muitas razões... tantas! Estava ali porque gostava do campo, porque lhe aborrecia a cidade, porque Alberto o havia levado para os escoteiros, porque, enfim, apreciava a companhia de todos e de cada um dos componentes da patrulha.

Divertiam-se muito, todos juntos. E não sabia explicar porquê. Na cidade tinha uma quantidade de amigos: no colégio, no clube, na praça e na sua zona. Com nenhum deles, porém, gozava e se divertia tanto como com os de sua patrulha: os famosos leopardos. Não os via senão uma ou duas vezes por semana. As vezes nem isso. Quando, porém, se encontravam juntos as cousas mudavam. Seja lá o que fizessem, mas divertiam-se. Muitas tardes nem faziam nada, simplesmente se juntavam no canto da Patrulha; e permaneciam juntos, conversando, jogando ou lendo. Nada de extraordinário. Havia algo de incomum.

O que os uniria tão intimamente? Porquê estavam sempre tão contentes? Será que tinham os mesmos ideais? Sim, era isso! Como não lhe havia ocorrido antes? Agora compreendia-o com toda clareza. Sua mente reunia neste momento uma porção de conceitos simultâneos. As idéias acudiam em tropel. Pensou no momento, no que se passa quando aparece uma idéia engenhosa e acha-se: "como não me ocorrera antes? é tão simples".

Assim via ele agora as coisas. Era óbvio que a intimidade que existia entre eles, provinha do fato de que pensavam semelhantemente. Sabiam, apesar de não se terem falado, que suas mentes estavam de acôrdo.

Bem, no final de contas, em que estavam de acôrdo?

O que primeiro lhe veio a mente foi a PROMESSA ESCOTEIRA.

Repassou-a lentamente, e recordou o dia de seu compromisso. Todos os Leopardos o haviam feito no mesmo dia. E recordou que no meio da cerimônia haviam-se-lhe gravado as palavras que lhes dirigiu o chefe; não as compreendera então... Ser melhor para com Deus, para com os pais, para com o próximo; com os amigos, no colégio...

Era isso que os unia: A PROMESSA. O desejo ardente de serem melhores, cada vez melhores, de se auxiliarem mutuamente.

E neste momento, sentiu, repentinamente, um grande carinho pelo seu monitor. O bom Pedro. Descobriu neste momento, que na realidade era ele a alma da Patrulha. Sempre era o mais alegre, o mais sério, o mais aventureiro, o mais responsável. E que idéias possuía! Sempre tinha algum projéto em mente. Era realmente um tipo excepcional. Nunca compreendera como aranjava tempo para fazer tantas e tantas cousas.

Tinha muita vida interior, pensava muito, e possuía uma idéia feita e quase precisa acerca de tudo. E sempre provava ter razão.

O que mais o distinguia dos demais, porém, era o modo como lhes indicava a fazer o bem, o corrêto, e a pôr em prática o que mais convinha. Recordou então aquela excursão em que ele e Pedro, se haviam distanciado do resto da Patrulha, e que acompanhavam de longe, conversando. Naquêle dia convenceram-se e com muita razão, que não devia perder mais tempo com certos rapazes de sua zona, e nem tão pouco com a formosa Maria. E desde então andava em paz. Ah! com quem andaria agora a Maria? Que pensaria do modo como deixou de vê-la? Seguramente ela não o compreenderia nunca. Em compensação, ele agora se achava muito mais sossegado e até mais satisfeito. Que tanto havia sido! E tudo isso, só o devia ao Pedro.

Também recordou como o "Roncador" deixara a companhia da turma da zona. Um punhado de malandros. E como o Roncador mudara, desde então. Agora é o mais amigo da Patrulha, seguia fielmente a Pedro, por quem tinha uma muí grande dedicação. Era talvez o melhor amigo da Patrulha.

Sim, este Pedro era um grande tipo. Era a personificação da Promessa. Igual aos outros monitores do Grupo.

Seria bom ser monitor? Ter uma roda de amigos, controlá-los e levá-los ao bem, por sua própria vontade, e por convicção.

Logo sentiu-se dominado por um sentimento de nobreza, de desinteresse, que nunca havia sentido. Trabalhar pelos rapazes, pensar nêles, conhecê-los bem a fundo, como Pedro os conhecia.

Que bom era Pedro! Realmente a Patrulha devia-lhe muitíssimo. Tanto em seu conjunto como cada um individualmente. Era na realidade um verdadeiro irmão mais velho.

O irmão a quem prometera querer, no dia da Promessa. E até agora não se havia espelhado nê-le. Pedro velava mais por ele do que seu próprio irmão. Quando este nunca se preocupara pelas suas companhias masculinas ou femininas.

Sim senhor! Pedro era o tal, era altamente estimável, generoso e bom. Deveria ter percebido isto antes, tê-lo aproveitado melhor e havê-lo seguido mais dócilmente, perdoando seus maus humores esporádicos. Súbitamente sentiu desejos de levantar-se e dizer tudo ao Monitor: que o estimava, o compreendia, e muito lhe devia. Quis neste momento fazer uma Promessa solene de gratidão: a de chegar a ser Monitor, como Pedro o era. Procurar o bem de seus semelhantes, tal como Pedro o fazia.

Não. Não era na realidade o momento oportuno. Estavam todos dormindo, e além do mais estavam cansados. Sobre tudo o Pedro. Porém, isto sim: ao levantar-se pela manhã, o primeiro que faria, seria dar um abraço no seu Monitor. Um abraço no qual diria isto, e muitas coisas mais...

O ACAMPAMENTO ESCOTEIRO

Castor Branco

"Escotismo faz-se no campo", são palavras do Fundador do Movimento Escoteiro, e, na verdade, para pôr em prática o Grande Jogo, não há melhor campo de ação que o Acampamento.

Para chegarmos a ser um bom acampador, será necessário, antes de mais nada, que acampemos, continuamente, e em locais bem diversos, para aprendermos, de conformidade com o que se nos oferece em cada acampamento, a bastar-nos, sem o auxílio de outrem, porque: "o escoteiro deve bastar a si mesmo".

Pois bem, vimos que, para ser bom escoteiro, tem que ser bom acampador; para ser bom acampador, tem que se acampar frequentemente. Mas, para isso será necessário, que antes de acamparmos, saibamos de algumas poucas coisas que requer um acampamento, as quais vamos apresentar parceladamente:

MALVASIO & CIA.

Rua João Alfredo 813 - Fone 3-11-22

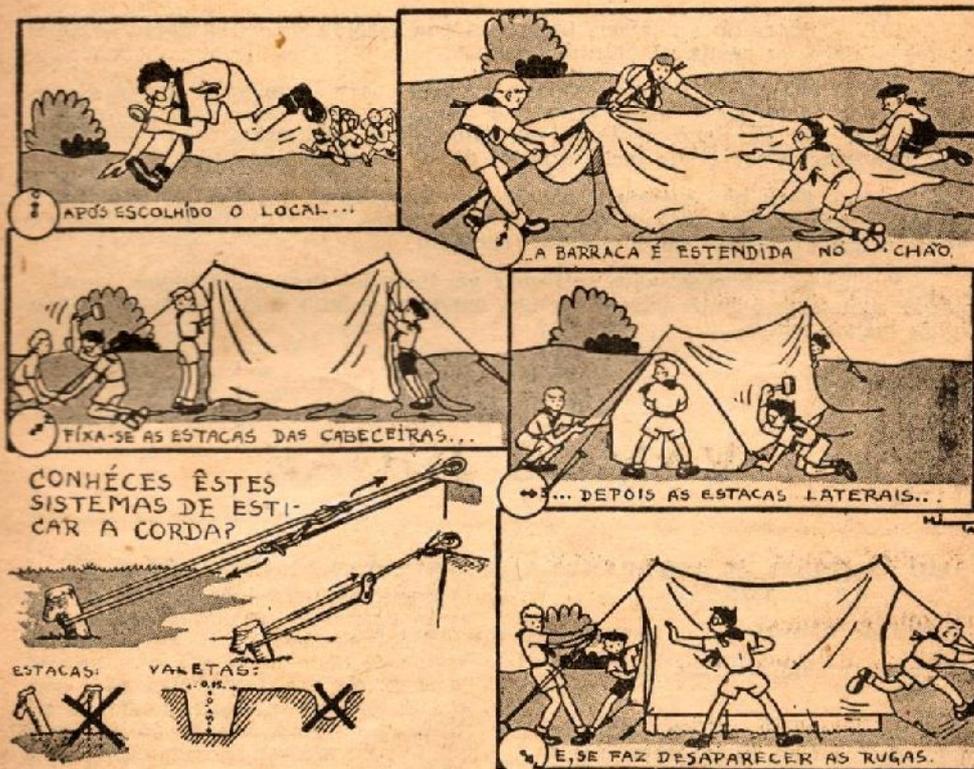
Fábrica de Barracas, Camas de Campanha
Baldes de lona para água - Mochilas - Bancos
de Campanha e demais artigos para
Escoteiros.

A BARRACA:

1.º — Ao chegarmos de um acampamento, — e não nas vésperas de outro — devemos reparar se a barraca está em condições de ser utilizada novamente, sem necessidade de algum reparo, remendo ou costura, e se fôr o caso, que seja remediado de imediato.

2.º — Se ao voltarmos do campo, as lonas estão umidecidas, não se deve guardá-las assim, pois apodrecerão pela falta de secagem adequada, e não teremos barracas para muitos acampamentos.

3.º — Com os cabos das barracas, e mais ainda com os de trabalho no campo, deve-se ter os mesmos cuidados, pois que, molhados, mofam e apodrecem, e quando se fizerem necessários, reventarão, e não teremos o nosso "precioso amigo".



4.º — Ao procurar o local do acampamento, escolha um que não seja úmido, e nem muito próximo à árvores, que seja batido pelo sol da manhã, tenha água perto, não seja próximo à habitações, nem estradas muito frequentadas e tenha lenha perto, que possa ser usada.

5.º — Ao instalar as barracas, (siga as regras da figura) cuide para que o vento predominante, bata na porta de trás da barraca.

6.º — Após armadas as barracas, cave sem demora as valetas ao seu redor.

7.º — Não esqueça que a segurança de uma barraca depende das estacas, as quais, se o terreno fôr fofo, deve mser mais longas, para melhor firmarem.

8.º — Deve-se levar para o acampamento, algumas fôlhas de jornal, que são ótimo fôrro de barraca, e sôbre as quais se deita o saco de dormir, pois isolam tanto da umidade como do frio do terreno.

9.º — Deve-se acampar em terreno que tenha um leve declínio, para que em caso de chuva, as águas tenham escoamento.

10.º — Nunca acampe próximo à estúbulos, águas estagnadas, ou lugares de capim alto, pois que são focos de mosquitos, os quais incomodarão, e por vezes são transmissores de doenças.

11.º — Após armado o acampamento, e as principais instalações, construir a privada, que deve ser afastada uns 100 metros do local, e que deve ficar do lado para onde vai o vento, para que não chegue até o campo, o seu mau cheiro.

12.º — Nunca acampes sem levar o teu programa de ação, com os horários para cada atividade, refeição ou jogo. Este programa será seguido na medida do possível, e é para orientação, e saberes qual a atividade que será feita ao findar tal jogo.

13.º — Antes do anoitecer, faça uma boa reserva de lenha seca, próximo ao fogão, para ser usada na manhã seguinte.

14.º — Abra uma fossa próximo a cozinha, para despejar os restos de comida, casca de frutas e latas vazias. A' medida que se depositam os detritos, derrama-se um punhado de terra por cima, para não exalar mau cheiro ou juntar moscas; e sobretudo feche-a antes de levantar acampamento.

15.º — Para não sujares a panela com fuligem ou picumã, debes untar a panela, externamente com sabão, banha, ou então com um pasta de barro e cinza, o que facilitará em muito sua lavagem.

Findas as refeições, para retirar a gordura dos pratos e panelas, convém operar com água quente, para obtermos um serviço mais limpo além de ocupar muito menos tempo.

VAMOS JOGAR

ALGUNS JOGOS DE ACAMPAMENTO:

Habilidade Manual

Jogado individualmente ou por patrulha.

Os participantes, devem estar munidos de sua faca ou canivete escoteiro.

A um dado sinal os escoteiros afastam-se do acampamento, dispondo de tempo determinado, ao fim de qual devem voltar, a apresentar ao chefe um objeto útil ou ao menos aproveitável para o museu da patrulha, feitos pela habilidade e espírito de iniciativa do escoteiro.

Serão utilizados para isto, somente o material disponível no campo, como: galhos, troncos, cascas, fôlhas de árvores, cipó, palha, etc.

Para a classificação, serão considerados: tempo mínimo, perfeição, variedade de material e beleza.

Destreza na feitura de nós

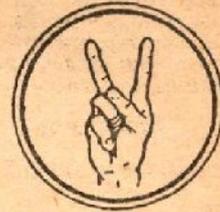
Componentes: duas patrulhas.

As patrulhas permanecerão em fila indiana, uma ao lado da outra, distando de cada uma, a uns 20 passos, uma árvore, na qual estará uma corda, presa por um volta de fiel, a altura da cintura. Ao pé da árvore o chefe colocará um sobre o outro, tantos papéis, quantos forem os componentes da patrulha e concorrer, e em cada um estará escrito o nome de um nó. Terá o jogo como juizes, ao chefe e sub-chefe (ou guia, que ficarão, um junto de uma árvore, e o outro da outra.

Quando o chefe der o sinal, será iniciado o jogo, então o primeiro da fila de cada patrulha, virá correndo até a árvore que pertence a sua patrulha, tira o primeiro papel, lê o nó que deve fazer, entrega-o ao chefe, ou sub-chefe, refaz a volta de fiel, faz o nó que estava escrito no papel, mostra-o ao chefe ou sub-chefe explicando a sua aplicação satisfatória.



LOBISMO



Pelo Aquelá Lobo Curioso

Os diretores do "Escoteiro Gaúcho", órgão oficial da Região do Rio Grande do Sul, convidaram-nos para mantermos uma seção dedicada ao Lobismo em suas páginas, que hoje iniciamos.

Louvável iniciativa esta da seção, pois toda revista Escotista deve ter seções especializadas de todos os ramos do Escotismo, para maior compreensão e difusão dos mesmos.

Deveríamos portanto iniciar nossa seção falando aos Aquelás e Balús ou Bageras. Entretanto não fazemos, e começamos a falar a vós Chefes Escoteiros, porque em nosso Estado, talvez por falta de compreensão, o Lobismo ainda não tem o desenvolvimento que deveria ter, pois, como demonstra o relatório da Diretoria apresentado na Assembléa Regional de Chefes em Abril p. p., para mais de meia centena de Tropas Escoteiras não chega a duas dezenas o número de Alcatéias em todo o Estado.

Lamentável ocorrência este desinteresse pelo Lobismo, uma vez que forma um ramo tão importante, diremos mesmo imprescindível, para que haja a devida continuidade nas tropas escoteiras.

É comum em um grupo escoteiro os altos e baixos, ou como também poderíamos chamá-lo os máximos e mínimos de eficiência, com variações periódicas, nunca sabendo o chefe qual o remédio a usar.

Procuraremos dar a explicação mais plausível, ao nosso ver, para tais variações, baseado em nossa experiência e observação.

Fundada a tropa, ingressa um grupo de jovens, que, se agradando do movimento, começa os treinamentos de provas e a progredir nas diversas classes escoteiras. Para não fugir às normas da pedagogia escoteira o chefe é forçado a limitar seu efetivo, não aceitando mais de 8 elementos no ini-

cio, com os quais formará seus futuros monitores.

Ao aceitarmos novos membros, se quisermos construir para o futuro, deveremos escolher alguns meninos de 12 a 14 anos e formar com eles uma patrulha de menores. E como faremos para escolher o novo monitor? Segundo o novo critério de divisões por idades, não devemos misturar os meninos de 12 a 14 anos com meninos de 15 a 17 anos. Se os primeiros escoteiros ascenderam nas classes escoteiras, também aumentaram de idade, impedindo a formação de patrulhas de pequenos com um bom monitor. É bem verdade que o nosso exemplo talvez esteja um pouco exagerado, pois é bem provável que não aconteça assim tão rápido, mas o que é verdade é que acontece, mais cedo ou mais tarde.

Tal problema, entretanto, deixa de existir, se tivermos uma boa Alcatéia em nossa Associação, que, de tempos em tempos, nos forneça um garoto de 11 ou 12 anos, com os conhecimentos equivalentes a segunda classe escoteira, pois tal é o nível de um lobinho de 2.º estrela.

Além disso a Alcatéia permite o aproveitamento de elementos que ainda não têm idade para ser escoteiro, e que freqüentemente entram pela porta de nossa sede querendo alistar-se em noso grupo. Isso para citarmos apenas algumas das inúmeras vantagens que apresenta uma Alcatéia de Lobinhos junto a nosa tropa escoteira.

Queremos também lembrar aos caros chefes escoteiros que o movimento Escotista não se resume apenas no Escotismo, mas abrange todos os ramos do movimento, nele havendo lugar para jovens de todas as idades, sendo nossa obrigação, uma vez que possível, incentivar-mos todos os ramos.

Ainda queremos frizar que um elemento que se mantenha no escotismo desde a idade de 7 ou 8 anos, até os 20 ou 21 anos, certamente será um futuro chefe que estaremos forjando, contribuindo assim também para o futuro do movimento.

Entretanto, para que exista uma verdadeira Alcatéia de Lobinhos, deveremos tomar alguns cuidados, que abaixo enumeramos, sem os quais muito dificilmente obteremos um real proveito de nossos esforços e trabalhos.

O primeiro cuidado que se impõe é a cuidadosa escolha do chefe que poderá ser um amigo ou amiga que se interessa pelo movimento, um escoteiro ou pioneiro de mais idade, uma moça que deseja trabalhar pela educação da juventude etc. O essencial é que seja uma pessoa idealista, que deseja de fato aprender e aplicar a pedagogia escoteira e os princípios básicos do Lobismo. Para tal é mister o estudo dos livros especializados existentes nas bibliotecas escoteiras, tais como "Guia do Escoteiro", "Guia do Chefe Escoteiro", "O Livro dos Lobinhos", "Como dirigir uma Alcatéia" etc. É interessante também a troca de idéias com outros chefes que já estão tentando especializar-se, de maneira muito particular, o Comissário Regional de Lobinhos que tem como uma de suas funções, dirigir os novos Aquelás.

Torna-se imprescindível, tanto pelo Regulamento Técnico Escoteiro, como para maior facilidade em aplicar os métodos escoteiros, que tome parte no primeiro Curso de Chefes que tiver oportunidade.

Após a escolha do chefe, é necessário que se conte com um local para sede da nova Alcatéia, que não seja muito acanhado, devendo pelo menos permitir a existência de alguns móveis e outros utensílios de propriedade exclusiva da Alcatéia, para maior incentivo dos Lobinhos.

Finalmente, deveremos cuidar que haja oportunidade da Alcatéia ter as suas atividades completamente separadas das atividades dos outros grupos, ou seja, a Alcatéia deverá ter sua vida completamente independente dos outros ramos, sem o que não haverá Lobismo, mas sim uma imitação grotesca, sem grandes proveitos para os meninos.

Somente após estes cuidados, poderemos começar a admitir os primeiros

lobinhos, seguindo as indicações de como iniciar uma Alcatéia, que nos dá Vera C. Barclair em sua obra: "Como dirigir uma Alcatéia". Se seguirmos estas indicações, mais outras que cada chefe jugar necessárias, conforme a índole de sua Tropa, só o que nos resta é desejar boas atividades e bom campo.

LOBOS! — GRANDE EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

Atenção Lobinhos:

Já esta em organização uma exposição de trabalhos manuais feitos pelos lobinhos nos dias 2, 3 e 4 de outubro, na sede da Região, para a qual contamos com a participação de todas as Alcatéias do Estado, havendo muitos prêmios para os primeiros colocados. Fala com o teu Aquelá e prepara-te para também participares neste interessante concurso. Podemos adiantar que os trabalhos serão classificados em várias classes, conforme o material empregado. Escolha qual será o teu trabalho e, mãos a obra! E não esqueças de remetê-lo em tempo para a sede da Região.

COLABORAÇÕES

Pedimos aos chefes de Lobinhos que nos enviem suas impressões sobre a nossa seção "Lobismo" bem como sugestões e colaborações, afim de que esta seção atinga o seu objetivo, ou seja, facilitarmos a tarefa e promover maior entrosamento dos chefes de lobinhos.

Aceitamos também perguntas sobre assuntos técnicos, que procuraremos responder conforme estiverem ao nosso alcance.

Dr. Lino A. Schiefferdecker

CIRURGIÃO DENTISTA

CONSULTÓRIO: ED. SULACAP
5.º andar - sala 517

HORARIO: Das 8 às 12 horas

PÔRTO ALEGRE

UM LOBINHO DE FIBRA

Miguél, Primo de matilha de uma Alcatéia de Paris, se queimou no ano passado de forma terrível, em um acidente. Uma queimadura grande é sempre dolorosa. Miguel teve ânimo, e uma coragem que durou todo o inverno. Os outros Primos de sua Alcatéia iam visita-lo a miudo, para distraí-lo. Toda a Alcatéia tinha se empenhado para obter a graça de uma boa e rápida cura.

Miguel seguia melhorando. Tiveram que levá-lo ao hospital para operá-lo. Era necessário um enxerto de pele. Tirar um pedaço da pele viva de uma perna e aplicá-la sobre as partes queimadas, pois eram demasiados grandes para que a pele voltasse ao normal.

Depois de vários dias de imobilidade absoluta, o enxerto ficou bem: A menina porém, que era vizinha de Miguel, na sala, a quem haviam feito a mesma operação, não tivera a mesma sorte. O enxerto não pegara, pois sua saúde não era muito boa.

— Doutor — Propôs Miguel ao médico — o senhor tirou a pele de uma de minhas pernas para o enxerto, porém se lhe parece bom, pode tirar a pele da outra para a menina que está do lado. Minha saúde é boa, e assim sairá bem.

Ao médico, lhe pareceu impossível, emocionou-se, porém, ao ver que Miguel pensava, antes de mais nada no próximo.

SERVIÇOS MANTIDOS PELO S.E.S.C.

ASSISTÊNCIA JURÍDICA

Destinada a Tratar de assuntos relativos à vida civil e militar dos beneficiados.

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA

Orientação e trato de qualquer interesse do beneficiário junto ao IAPC.

DISPENSÁRIO MÉDICO

Prevenção e tratamento da tuberculose, Abreugrafia, B. C. G.

CURSO DE EDUCAÇÃO FAMILIAR

Preparo das alunas para o desempenho das atividades domésticas.

SECÇÃO DE DIVULGAÇÃO CULTURAL

Fornecimento de livros selecionados para aprimoramento cultural e recreação.

RECREAÇÃO E DESPORTOS

Secções cinematográfica semanais - Concêrto e teatro, ballet, shows diversos, etc. - Patrocínio de torneios e competições esportivas, promovidos por entidades comerciais.

Edifício Brasília — 11.º pavimento
das 8 às 11,30 - das 14 às 17,30 e das
18,30 às 20,30 horas.

Curiosidades e bom Humor

VOCÊ SABE?

— Que na primeira e terceira quarta-feira de cada mês às 14,05, é irradiado pela Rádio Sociedade Gaúcha, de Porto Alegre, um programa escoteiro da Região do Rio Grande do Sul, intitulado "A Voz do Escoteiro Gaúcho?"

— Que quando a fumaça sobe reta, é sinal de bom tempo?

— Que a popular canção de Natal: Noite Feliz, foi composta pelo padre austríaco Francisco José Mohr e pelo professor Franz Gruber, há mais de cem anos. E que é conhecida e faz parte das festas de Natal de quase todo o Mundo?

— Que o crocodilo muda sua dentadura, completamente, até 40 vezes?

— Que alguns incêndios nas florestas, se espalham tão rapidamente, como a marcha de um homem caminhando normalmente?

—oOo—

Na entrada do cemitério de São Pedro, em Medellín, Colômbia, está escrito:

"Hic Finit Vanitas Mundi" que quer dizer: "Aqui terminam as vaidades do Mundo."

—oOo—

RIA ... SE QUIZÉR ...

ENTRE CANIBAIS

1.º canibal — Não sei o que se passa comigo, estou com fortes dores internas.

2.º canibal — Issi é por seres teimoso, eu te disse, que dos aviões, só se come a parte que está dentro.

FORÇA DE VONTADE

Um vagabundo se encontra recostado na parede, e um transeunte lhe pergunta:

Dirigido por Senun P. Orual

— As vezes não te dá ganas de trabalhar? — ao que o vagabundo responde

— Sim, mas ou as aguento.

CHARADAS:

O "aparelho de ginástica", botou a "letra" na "tenda" 2-1

A "parte do corpo" que está "aqui" na "nota musical", cometeu "grave erro"

1-1-1

Aqui "a "história" do "Guaíba" "marca a data" -1-2-2

—oOo—



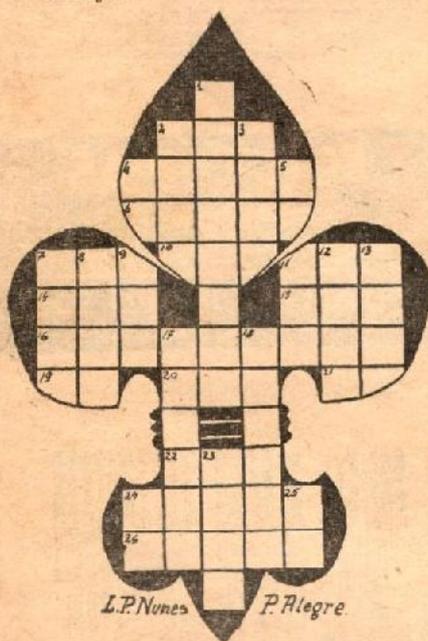
Concurso do Escoteiro Gaucho PROBLEMA FLOR DE LIS

HORIZONTAIS

- 2 — Estudava
4 — Arvore da família das Bombacáceas
6 — Botar Pinos
7 — Parte da ave
10 — Pessoa
11 — Nome da flôr que simboliza pureza
14 — Possue
15 — Metal resistente
16 — Encher de responsabilidades
19 — Não é boa
20 — A êles
21 — Pedra de moinho
22 — Terra (grego)
24 — Aprecia
26 — Pelejas

VERTICAIS

- 1 — Escoteiro com mais de 18 anos
2 — Ponta de corda
3 — Pôr abas
4 — Baden Powell
5 — Briza
7 — Amarram
8 — Não está molhada
9 — Gosta
11 — Qualquer — invert.
12 — Suspendem a bandeira
13 — Medicamento eficaz
17 — Fez em pedaços
18 — Nó para emendar dois cabos de dimensões diferentes
23 — Lugar onde nasce o sol
24 — Guia Lopes
25 — Artigo



As respostas dêsse problema, somente serão aceitas, até o dia 15 de Setembro.

Devem ser escritas em letras de fôrma, acompanhadas de nome, endereço, e tropa a que pertence o concorrente.

Endereço: Concurso d' O ESCOTEIRO GAÚCHO — Região do Rio Grande do Sul

Rua Castro Alves, 398 — Pôrto Alegre.

Ao primeiro colocado, será ofertado um livro escoteiro.

—oOo—

Soluções das charadas:
BARRACA — PECADO — CALENDÁRIO

ESCRITÓRIO IMOBILIÁRIO MENDES - FEIJÓ

TERRENOS — CASAS — APARTAMENTOS — Negócios a vista e a Prestações — com e sem entrada

CHACARAS — GLEBAS PARA LOTAAMENTO — PLANTAS PROJÉTOS DE CONSTRUÇÕES

VENDE E ADMINISTRA PROPRIEDADES

Em Pôrto Alegre — Riachuelo, 1512
Em Vila Nova — Junto ao Armazém Vila Nova

A Patrulha dos Gansos e o Mistério de Kerviszell

CAPÍTULO I

EM QUE A PATRULHA DO GANSO PARTE PARA UM EXERCÍCIO NOTURNO



Por Pierre Delsuc

— Alto! Um só instante, Henri. — O Chefe da 50.^a Tropa Escoteira de Paris, André Sarment, chamou de volta o monitor da patrulha do Ganso, que estava por abandonar a barraca da chefia, e acrescentou:

— Fica portando nisso. Depois de amanhã, almoçarei com vocês. Mas... — aqui o chefe trocou um olhar com seus sub-chefes, que estavam sentados sobre caixotes, e proseguiu: — Henri, tenho que te dizer alguma coisa: — quando hoje a noite estiver completamente escuro, deverá realizar-se um ensaio de sinalização e, como esta é feita muito bem pelos Gansos, caberá a ti o ponto estratégico neste ensaio.

— E, que ponto será este? Perguntou Henri Rambures, cheio de alegria.

— Presta atenção! A um dado sinal, vocês sairão e subirão até o Landreïs. No pico procurarão uma boa posição para observar Pen-Ar-Vir, pois as outras patrulhas lá se encontrarão. Transmitireis então em sinais Morse o questionário que eu vos darei antes da partida. Para tal deveis levar a lanterna de carbureto. Os de Pen-Ar-Vir, responderão à vossas perguntas, e depois, voltarão ao acampamento. Este é o plano. Agrada-te?

— Se me agrada! Henri entusiasmou-se logo com esta empresa noturna.

— Mais uma coisa, Henri. O ensaio ficará em segredo, até o último momento, para as patrulhas do Galo, da Gazéla e do Lobo, compreendeste?

Tradução e adaptação de Flecha de Fogo

Cada uma das patrulhas receberá uma ordem escrita, indicando o local a que se devem dirigir, e onde devem observar. Só tu podes saber disso agora, porque precisarás algum tempo para aprontar os apetrechos necessários, é porém, evidente que nenhum dos gansos poderá dizer palavra!

— Tomarei providências, Chefe! Prometeu o rapaz.

— Sempre Alerta chefe!

— Sempre Alerta!

O monitor deixou a barraca, e foi ter com os seus escoteiros, cuja barraca tremia com a brisa fresca que soprava do mar. Já de longe percebeu êle a atividade de seus rapazes, junto ao fogo, ocupados no preparo da janta.

—oOo—

Conversando baixo, estavam os Gansos, sentados dentro de sua tenda, no escuro, esperando. Henri estava inquieto, pois já eram 9 horas, e o sinal para a partida estava demorando.

— Puzeste em ordem o lampião? perguntou o monitor, dirigindo-se a Jean Laurent.

— Tudo em ordem, Henri!

— E o carbureto?

O barulho de uma lata foi a resposta; André Lagache fizera sua missão. De repente abriu-se a barraca, e pela sombra que se destacava na escuridão, reconheceram os Gansos, a Luiz Colmar, um dos sub-chefes da Tropa.

— O chefe vos manda dizer que partam imediatamente. E entregou a Henri uma carta fechada. Este deixou passar sobre o envelope, o faixo de sua lanterna, e leu em voz alta: "Para ser aberto no momento da transmissão".

Obrigado Chefe! Levantou-se, pôs a carta no bolso, e dirigindo-se a seus companheiros:

— Rapazes, agora começa!

Um após outro deixaram os escoteiros a barraca.

Já era noite. A pouca distância ouviram o marulho do mar, sem no entanto poder vê-lo. No céu brilhavam as estrelas. Sobre o acampamento reinava profundo silêncio. Só na tenda do chefe havia luz.

Sob as ordens de Henri, a patrulha pôs-se em marcha, e, por um caminho estreito, dirigiram-se ao Landreïs, com Henri na vanguarda.

— Seguiremos pela praia. Propôs Henri. Ai poderemos olhar mais facilmente por uma picada, quando chegarmos ao pé da costa alta!

A patrulha dobrou portanto à direita, e pouco depois, a marcha era um tanto mais difícil, na areia seca da praia.

No começo os rapazes tinham conversado alegremente, mas pouco a pouco a conversa cessou. A escuridão, que aumentava a medida que se aproximavam dos rochedos do Landreis, e a silenciosa solidão da noite, despertou em todos eles, impressões, até então desconhecidas.

Após uma caminhada de mais ou menos mil metros, o pé do monitor, bateu numa pedra que se encontrava na areia. E, quase ao mesmo tempo, Paul Lagache, avistou a direita um bloco maior.

— Devemos estar perto da encosta, disse o monitor. Acho mesmo que nós encontramos diante dos rochedos, que hoje a tarde vimos do acampamento!

A marcha, calma até então tornou-se agora mais penosa pois deviam passar continuamente sobre blocos de granito. Ora subindo, ora descendo, o monitor tinha de chamar constantemente seus escoteiros, para não perdê-los; parecia-lhe entretanto que, apesar das dificuldades apresentadas pelo terreno, subiam vagarosamente. Pouco depois, Laurent que tomara a dianteira, gritou:

— Aqui terminam os rochedos! Mas em troca está tudo cheio de gravatás.

Ai!... Mas isso fêre bastante!

Um minuto mais tarde, os oito escoteiros encontravam-se diante de uma subida menos íngreme, mas cheia, como semeada de gravatás.

O avanço agora, era ainda mais difícil. De todos os lábios ouviam-se leves exclamações de dor, devidas aos gravatás, que não respeitavam nem meias, nem pernas, sendo os joelhos os mais castigados.

— Mas assim isso não pode continuar! Disse Sinclair, que estava senão mais maltratado que os outros.

Felizmente naquele momento gritou Maurice Roman:

— Aquí! Aquí! Achei uma picada!

— Graças a Deus. Gritou Henri. Mas por amor de Deus, não a percas novamente! E dirigiu-se para Maurice.

Na luz da lanterna elétrica podia-se ver uma picada, muito pouco usada, mas, naquela ocasião, era para os escoteiros, como que uma faixa de

cimento. E por sorte a picada dirigia-se na direção que deviam seguir, pois a bússola marcava Sudeste. Sem dúvida, este caminho dirigia-se para o pico do Landreis.

A patrulha seguia agora ao monitor, e só de vez enquanto ainda um ou outro era presa dos gravatás.

Henri notou em breve, que o caminho mudava, constantemente de direção, de maneira que, na atual direção marcada pela bússola, não mais podiam confiar. E expôs sua dúvida a Laurent.

A patrulha parou, e decidiu o que fazer. Neste caso só havia uma decisão a tomar: Escolher um ponto de referência, e dirigir-se até ele. Que eles se encontravam no Landreis não havia dúvida.

Até lá estava tudo certo; mas como chegar até o cume? E deviam atingi-lo, porque só de lá poderiam ver a baía de Caon e Pen-Ar-Vir, onde as outras patrulhas certamente já se encontravam. Pela total impossibilidade de se orientar, estava Henri, com seus 15 anos, numa situação difícil. Uma sorte que a escuridão cessara um pouco, pois agora podia-se distinguir algo a distância, de alguns passos; também as ondulações do terreno eram perceptíveis.

Neste instante Maurice Roman teve uma idéia.

— Tudo o que sabemos, desta picada, é que ela sobe, e como queremos chegar ao pico, não necessitamos de cousa melhor.

A exatidão desta observação, todos compreenderam, e se puzeram novamente em marcha.

Mal tinham caminhado alguns minutos, chegaram a um caminho regular, e a uma distância de 50 metros deste, se estendia um muro, construído a moda bretã, de pedras chatas, e sobre estas uma camada de terra na qual vegetavam gravatás e outros espinheiros.

— Até que enfim um ponto de orientação! Exclamou Henri.

O mapa foi desdobrado, e oito cabeças inclinaram-se sobre ele.

O monitor explicou:

— Em todo o Landreis, só existe uma casa, e até está, assinalada como castelo. Este muro, portanto, deve cercar a propriedade, e pertencer ao castelo.

Sinclair tentou subir o muro, apesar dos gravatás que continha.

— Certo! Grito. Vejo a casa, ou melhor, posso ver o telhado dela!

Em verdade, a direita distinguiam-

se os bordos de um longo telhado. O edifício propriamente dito não se via.

— Em todo o caso o muro ségüe a direção sudoeste, — constatou Henri, que consultara a bússula, e ele nos dirigirá, para o cume onde queremos chegar.

Seguiram pois, esta direção, e em pouco tempo se acharam a igual altura com a casa, que distava cêrca de cem metros de cêrca. Dêste lugar os rapazes podiam divisar melhor, as colossais dimensões do castelo.

— Mas como se chama êste castelo? Perguntou Paul.

— Não olhei, por isso. Henri desdobrou novamente o mapa e leu: "Castelo de Kerviszell!"

— Muito bem situada esta construção, disse Laurent, diante daquela elevação, ela até se acha protegida do vento.

Alguns passos além, o muro dobrava para a esquerda. A propriedade, portanto, não se estendia até o cume.

— Não faz mal, disse Henri, já estamos quase no fim. A elevação aí a frente, é o ponto mais elevado do Landreis, devemos ir até lá. E justamente pelos gravatás.

O alvo estava, graças a Deus, bastante perto, e os rapazes consolavam-se com isto, já que novamente estavam sendo feridos pelos gravatás. Após uma caminhada de uns 10 minutos, chegaram ao término da marcha; um só grito de admiração, rasgou o silêncio da noite.

Chegavam justamente no instante em que a êste, no horizonte, a lua saía de seu esconderijo espelhando-se nas águas da baía, que se estendia a seus pés. Ao longe, via-se alternadamente o faixo de luz de um faról.

Os rapazes encontravam-se como que petrificados diante daquele espetáculo, tão incomum, com o olhar dirigido ao longe... Em torno dêles estabelecera-se um santo silêncio.

De repente, Paul Lagache, dirigindo-se a Henri disse:

— Ai! Ai! Olha! Uma luz sôbre Pen-Ar-Vir!

Imediatamente todos os olhares se dirigiram para a direção indicada. Numa sombra, levemente matizada, encontrava-se diante deles, a baía de Caon. Aas montanhas de Pen-Ar-Vir, elevavam-se claras da escuridão. Em um de seus picos brilhava uma luz branca, que acendia e apagava alternadamente.

— Isso são os outros, disse logo Henri, ao reconhecer pelos sinais longos e curtos dados pela luz, o sinal de tas do chefe, e, após alguns minutos,

chama correspondente às letras "ZZZ"

— Esta Lua! Quase nos faz esquecer a transmissão! Mas agora depressa! A lampada!

Os rapazes se puzeram a trabalhar. Raymond buscou o lampião de carbureto e acendeu-o. Henri dava suas ordens:

— Aqui ficarão os sinaleiros! André pisará os gravatas ali onde a lampada deve ficar parada! Laurent transmitirá! Maurice ditará os sinais. Sinclair fará luz para Maurice, com sua lanterna elétrica. Pronto. Agora, Raymond e André, irão alguns metros para frente e observarão os postos de Pen-Ar-Vir.

Os escoteiros ocuparam as suas posições. Ainda agora ouviam-se âis meio abafados, cujo motivo era sempre o mesmo: os gravatás, que deviam dar lugar para assentar. Verdadeiramente a coisa não era gradável, mas enfim tornou-se suportável com o emprego de capas e mochilas.

Estava na hora de se iniciar a transmissão. Já se podiam perceber três luzes sôbre Pen-Ar-Vir, que chamavam constantemente. Os Galos, as Gazelas e os Lôbos, achavam-se portando em seus postos, e anunciavam a sua prontidão para receber.

Laurent colocou o lampião num balde de lona, e Henri deu o envelope a Maurice. O rapaz abriu-o e encontrou dentro uma fila de perguntas, que deveriam ser transmitidas. Após ter lido, Henri ordenou:

— Transmitir!

Imediatamente Laurent começou

Sôbre Pen-Ar-Vir, as luzes que tinham sido vistas até então, com pequenos intervalos, ficaram calmas, estendendo uma luz contínua. É régra, que durante a transmissão, o que recebe, deixa sua luz acesa, e quando não entende, é só apagá-la, e o que transmite o perceberá.

O calmo e metódico Laurent, viu-se em pouco tempo, ante uma dura prova de paciência. Porque cada vez que tirava o lampião do balde, o vento quase estingua a chama. As patrulhas que recebiam a mensagem, por certo não viam grande cousa, mas apesar disso, suas luzes continuavam acesas.

Os do outro lado são mesmo camaradas, disse Jean Laurent, procurando proteger a chama com seu chapéu. Mas era tudo de balde, porque esta continuava a dançar e a cuspir.

Apesar disso, os outros postos tudo entenderam, e o ensaio terminou sem incidentes dignos da nota. Só faltava a recepção das respostas às pergun-

também isto terminara, e a sinalização foi encerrada com um triunfante, "Fim de transmissão", que Laurent resolvera dar, apesar do forte vento reinante na ocasião, e que, aproveitando-se de sua vantagem, estinguiu a chama quando faltava ainda um terço do sinal.

Mas isto agora não mais importava, pois Pen-ArVir compreendera, e as três luzes desapareceram. Os Gansos se reuniram e Henri fez um julgamento e crítica sobre a atividade de cada um.

Logo após, os rapazes reunindo os utensílios usados, aprontaram-se para a volta que se realizou com alegres piadas e desafios.

De repente, todos calaram. O som de vozes a distância, fora a causa.

Por um momento tudo ficou quiéto, para logo começar de novo, mais alto, para enfim ser interrompido bruscamente.

Aterrados, os rapazes entrocilharam-se, Henri estava atento. As vozes pareciam vir do pé do pico em que eles se encontravam. Tudo o que ele podia reconhecer, era que as vozes pertenciam a dois homens, e do modo como falavam devia haver uma disputa entre ambos.

Mas, de onde provinham estas vozes? O campo ao redor ficara mudo e só. O olhar de Henri caiu sobre o telhado. As telhas brilhavam palidamente no luar e as largas chaminés eram como duas manchas brancas sobre a construção.

— As vozes só podem vir de lá, disse Henri em voz baixa, apontando em direção ao castelo.

Vamos aproximar-nos um pouco, disse Sinclair.

— Sim, vamos, mas com o maior silêncio e cuidado possíveis.

A patrulha subiu a elevação do lado em que se encontrava o mar, ficando eles assim invisíveis para o castelo. Durante a aproximação, o barulho das vozes cessara, mas ao chegarem junto ao cume recomeçaram.

— Parece que os lá de dentro não se entendem, observou Henri.

Na verdade, a violência da discussão, aumentava de minuto a minuto. Mas, apesar de todos os esforços, os escoteiros conseguiram entender o sentido da discussão.

Se a suposição de Henri estivesse certa, de que as vozes provinham do castelo, era natural que nada pudessem entender, já que distavam dele por uns 150 metros.

Imóveis, e calados, os rapazes ob-

servavam o castelo. A parte sudoeste estava sendo iluminada pela lua, podendo-se assim distinguir as janelas, que se achavam todas trancadas. O castelo só possuía um andar com cinco janelas, enquanto que o andar térreo, contava quatro janelas, e no meio apresentava uma porta. Como isto tudo estava fechado, Laurent observou:

— Eu me pergunto de que maneira podemos nós ouvir estas vozes se tudo parece estar fechado?

— É inexplicável, achou também o Monitor.

— Talvez se encontre uma janela aberta do outro lado.



— Pode ser, retrucou Henri, mas enfim não nos interessam os assuntos particulares dos habitantes de Kerviszell. Já são 22,30 horas, e devemos voltar para o acampamento. Estou por isso, que partamos imediatamente.

Os rapazes também estavam de acordo, ainda mais que o cansaço corporal, exigia os seus direitos. A patrulha pôs-se portanto em marcha.

Ao chegarem a uma altura igual a do castelo, a nordeste, Laurent pegou Henri pelo braço e, mostrando para a casa disse:

— Veja! Uma janela deve estar aberta.

Viam-se dêste lado, quatro janelas. Duas no andar térreo e duas no superior. Três delas pareciam estar bem fechadas, mas as venezianas da quarta estavam abertas.

— Talvez foi de lá que ouvimos as vozes, achou o monitor após algumas investigações, mas admire-me, que tudo se acha no escuro.

Nêste momento, ecoou pela noite, um grito de desespero, e num tom

tal, que os rapazes pararam como que petrificados. O grito terminou com um leve suspiro, seguindo depois um silêncio sepulcral.

Os escoteiros entreolharam-se aterrados. Desta vez não ficara dividida, o grito provinha do castelo.

Henri ganhou em primeiro momento sua presença de espírito.

— Estão matando alguém, e aterra-do pulou sobre o muro e, com as mãos trêmulas, abriu caminho entre a ramagem que este continha.

O Castelo de Kerviszvell parecia abandonado. Debalde o monitor observava com a maior atenção todos os caminhos que dirigiam-se para a casa, nada podia ver que despertasse a sua atenção. Toda propriedade a-chava-se mergulhada no mais profundo silêncio.

A calma da noite dominava Kerviszvell. Os rapazes agruparam-se ao redor do monitor. Sempre observando Henri observou:

— Se alguém tentar abandonar a casa e procurar se esconder cátre-mos em cima dele.

Os outros acenaram afirmativamente com a cabeça. Todos observavam atentos, prontos para o que des-se e viesse.

Até que enfim Henri, virando-se disse:

— Vamos!

Os Gansos abandonaram o seu posto de observação.

— Então não vamos empreender nada? perguntou Laurent desiludido.

— Para que empreender? Não vimos nada de anormal. E, fora disso, se quisermos fazer qualquer coisa, deveríamos penetrar na casa. E não seria uma loucura introduzir-se como ladrões numa propriedade particu-lar?

— Mas o grito?

— E certo, mas pensa uma vez: nada de suspeito se mostrou. Não podemos invadir uma casa só por termos ouvido um grito na noite. Vamos para o acampamento e contemos tudo ao chefe, este verá o que deve ser feito.

Era esta, por certo a melhor solução. E na verdade, não tinham o direito de penetrar numa propriedade de privada, já que nem sabiam de quem se tratava.

Continuaram seu caminho. Kerviszvell desapareceu logo atrás de uma

volta do caminho, e os rapazes sentiram um certo alívio, pois não mais viam as paredes escuras da construção.

Quando Henri, que ia na vanguarda, notou que se encontravam sobre a praia, mandou dobrar a esquadra, e após uma ingreme descida pelos gramíneas, os rapazes achavam-se novamente na praia. Como agora não mais precisavam andar em fila Indiana, prosseguiram reunidos, falando da aventura noturna.

— O que achas, que poderia ter sido? — dirigiu-se Paul a Henri.

— Só posso dizer que não tenho ideia. Talvez fossem só algumas pessoas que brigavam. Que achas tu, Maurice?

— Pensei, respondeu Maurice após algumas hesitações, que apesar de tudo, houve lá alguma cousa fora de comum.

— Talvez, respondeu Henri pensativo. Sim, acho-o quase certo.

Cinco minutos mais tarde os escoteiros achavam-se novamente no acampamento. Tudo se encontrava numa profunda escuridão. As outras patrulhas, que tinham voltado há muito, já dormiam.

Os gansos dirigiram-se para sua barraca. Henri queria ir para a barraca do chefe, quando notou que André Sarmant que vinha da praia. Henri chamou-o em voz baixa:

— Chefe! E o senhor? Portanto ainda não se deitou?

— Não. — respondeu Sarmant. Espere para por vocês na praia. Por que chegaram com tanto atraso?

— Isto é uma história comprida. devo-lhe necessariamente fazer a comunicação de tudo.

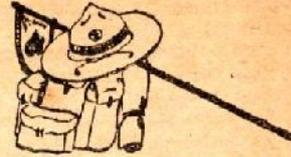
— Rapazes! Disse ele em se dirigindo a seus escoteiros. Ide para a barraca, depois rezaremos juntos a oração da noite. Contarei tudo ao chefe.

E enquanto os rapazes se apressavam para dormir, sob a luz espalhada por um lampião pendurado no lado da barraca, caminhavam lado a lado pelo acampamento, Henri e André Sarmant.

Falavam em voz baixa.

(Continua no próximo numero)

PIONEIRISMO



Cerimonial da Passagem de Escoteiro a Pioneiro

Damos a seguir, uma sugestão aos Mestres Pioneiros, sobre o cerimonial da passagem de escoteiro para pioneiro. Este cerimonial está sendo experimentado pelos Escoteiros do México, e foi elaborado pelo Dr. Agustín Lemus, técnico da Equipe Nacional de Adestramento dos Scouts de México.

PREPARATIVOS

- 1.º — Com a antecipação conveniente, fixada pelo Chefe Geral e pelo Mestre, e de acordo com o chefe de Grupo, o Mestre deve pôr-se em contato com o futuro pioneiro, para tratar de conhecê-lo melhor, tanto sua personalidade como o meio em que se desenvolve. Por meio de conversações informativas, irá interessando-o no pioneirismo, e mostrando as tradições e organizações do Clan, ao qual vai pertencer.
- 2.º — Conversa de caráter espiritual e religiosa, do Capelão com o futuro pioneiro.
- 3.º — É muito conveniente e útil que o Chefe Geral, entregue ao Mestre, um estudo cuidadoso sobre a personalidade e o caráter do rapaz, mencionando qualidades a desenvolver e defeitos a corrigir, acompanhado de seu histórico escoteiro.
- 4.º — Despedida do futuro pioneiro, de sua Patrulha, de preferência no Canto da Patrulha.

CERIMONIAL

A) saída da Tropa:

- 1.º — Reunião do Grupo, uniformizado, na sede do grupo. É conveniente que sejam convidados os pais do escoteiro. Programa ligeiro, com oportunidade para que o Chefe Geral, explique a importância de seguir a

Vida Escoteira; ao escoteiro que sai, falar-lhe-á da importância do passo que está prester a dar, pode dizer palavras de estímulo aos que ficam; incluir algum canto alegre e algum jogo de entretenimento.

2.º — Cerimônia do Grupo: O Grupo em círculo, com as mãos entrelaçadas, então a "Canção do Adeus". Antes de terminar a cerimônia, sem romper o círculo, o escoteiro que sai, acompanhado pelo Chefe Geral, se retira do local, enquanto os demais, com o subchefe, terminam o canto e a reunião.

3.º — O Chefe Geral, leva o aspirante a pioneiro até a sede do Clan onde o esperam os pioneiros.

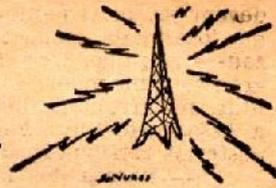
B) RECEPÇÃO NO CLAN

- 1.º — Os pioneiros uniformizados, se reúnem na sede do Clan. É conveniente a presença de um capelão (se houver) e do Chefe de Grupo. O Chefe Geral faz a apresentação do Aspirante, e o Mestre lhe agradece.
- 2.º — O Mestre Pioneiro e o Líder do Clan, o o pioneiro mais antigo, despojam o escoteiro de sua túnica cheia de distintivos, e põem em troca outra com as insígnias a que tiver direito, conforme o Regulamento Nacional. O Mestre prende então no seu ombro esquerdo as fitas verde e amarela de aspirantes, ao mesmo tempo que lhe explica seu significado, e que será considerado daqui por diante como um pioneiro.

3.º — O novo pioneiro é felicitado pelos presentes, e segue uma breve reunião do Clan, tendo como base um tema de atualidade ou de interesse geral, que se preste a ser comentado pelos pioneiros. A reunião é terminada com a oração dos pioneiros, podendo-se então servir um refrigerante ou chá em homenagem ao novo companheiro.



NOTICIÁRIO ESCOTEIRO



NOTICIÁRIO REGIONAL

— **Acampamento Regional do Paraná** — Comemorando o centenário da fundação da cidade de Curitiba, a Região Escoteira do Paraná, realizou o 2.º Acampamento Regional dos escoteiros daquele Estado, estendendo um convite às demais Regiões escoteiras, tendo comparecido escoteiros do Distrito Federal, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nossa Região fez-se representar por uma delegação de 32 escoteiros, dirigidos pelos chefes gen. Bonifácio Borba, Presidente da Região, Antonio Souza, 2.º Secretário Regional, e Américo Borowski, chefe do grupo de Escoteiros de Santa Cruz do Sul. Esta delegação foi composta de escoteiros dos grupos de Pôrto Alegre, Santa Maria, Cachoeira, Santa Cruz do Sul e Rio Grande. Também esteve em visita ao Acampamento o chefe Levino Junges, de Carazinho.

— **Festa da Uva** — Por ocasião da tradicional festa da uva e exposição industrial, realizada na cidade de Caxias do Sul, foi realizado um acampamento escoteiro, com a duração de seis dias, dêle participando escoteiros daquela cidade, de Bento Gonçalves, e de Pôrto Alegre. O contingente de Pôrto Alegre, esteve sob a direção dos chefes dr. Graciano de Carvalho e Antonio Souza.

— **Reunião do Conselho Regional** — Nos dias 2, 3 e 4 de abril, realizou-se a 8.ª Assembléia do Conselho Regional, ocasião em que foram aprovadas, com um voto de louvor, as contas e atos da diretoria regional eleita para o biênio 1952/53; discutidas diversas sugestões a serem apresentadas ao Conselho Nacional, para reforma do Regulamento Técnico Escoteiro; e eleição da nova diretoria para o período 1954/55, que ficou assim constituída:

Presidente: Chefe gen. Bonifácio Borba;

Vice-presidente: Chefe dr. Luiz Alencastro;

Tesoureiro: Chefe Bernardino Mazzocato;

2.º Tesoureiro: Chefe Alfredo Thiel

Secretário: Chefe Isaac Bauler;

2.º Secretário: Chefe Antonio Souza;

Sec. Publicidade: Chefe Walter H. Rudiger;

2.º Secretário Public.: Chefe Lauro P. Nunes.

A diretoria eleita propôs à U.E.B. a nomeação do Chefe dr. Lino Schieferdecker, para Comissário Técnico Regional.

— **Semana do Escoteiro** — Em todos os grupos e associações escoteiras desta Região, foi condignamente comemorada a "Semana Escoteira". Este ano, em virtude da preparação para as reuniões do Conselho Regional, e recente eleição da nova diretoria, não foi possível ser organizado pela Diretoria Regional, um melhor programa de festividades.

— **Reunião do Conselho Nacional** — Representando esta Região, estiveram presentes à reunião do órgão máximo do escotismo nacional, os chefes gen. Bonifácio Borba e cel. Léo Borges Fortes.

— **Condecorações** — Por ocasião do Fogo de Conselho realizado na Semana do Escoteiro, foi feita a entrega da Cruz de Bronze, aos escoteiros Luiz Gonzaga Pereira, João Carlos Pereira e Cleto de Castro Farias, da Associação Tabajára, desta capital. A referida condecoração foi entregue, por terem os citados escoteiros, salvado a vida de um cidadão, prestes a ser esfaqueado por um bonde, arriscando também as próprias vidas.

Nesta ocasião foi igualmente concedido ao escoteiro Issel P. Soares, da Associação Guia Lopes, o certificado de Escoteiro da Pátria, a mais alta classe escoteira, cujo certificado somente é expedido, após aprovação da diretoria da União dos Escoteiros do Brasil. A estes jovens que tão bem souberam honrar o nome do escotismo gaúcho, os nossos fraternais cumprimentos.

— **Acampamento de confraternização** — Já se tornaram comuns as visitas de grupos escoteiros de uma localidade aos seus "vizinhos", às vezes, mesmo distantes. São proveitosas atividades, que, a par de um maior conhecimento técnico, vêm estreitar os laços de amizade entre escoteiros e chefes. Também

devem ser incrementados os acampamentos entre os grupos escoteiros da mesma localidade, como tem sido feito em Porto Alegre, sendo que o último realizou-se nos dias 1.º e 2 de maio p.p., reunindo seis grupos escoteiros porto-alegrenses num memorável acampamento, realizado na chácara da 3.a Região Militar, no arrabalde de Teresópolis. Salientamos também a visita que realizou a Associação Silva Paes, de Rio Grande à Associação Iguaçú, de Pelotas, e a posterior retribuição da visita dos escoteiros pelotenses aos rio-grandinos.

— **Páscoa dos Escoteiros** — Realizou-se no dia 6 de junho, a Páscoa dos Escoteiros Gaúchos.

NOTICIARIO NACIONAL

— **Reunião do Conselho Nacional** — Realizou-se nos dias 22, 23 e 24 de abril, a 8.a Assembléa Nacional Escoteira, reunindo representações de quase todos os Estados da União. As reuniões da 8.a ANE. tiveram lugar no Auditório do Ministério do Trabalho, no Distrito Federal. Foram apresentadas as contas da diretoria finda, e aprovadas; apresentadas modificações a serem feitas no R.T.E., ficou resolvido que se efetue uma Assembléa Extraordinária em outubro, para discussão e aprovação das mesmas; foi eleita a Diretoria Nacional e o Conselho Nacional.

A diretoria nacional, ficou assim constituída:

Presidente — Dr. Victor Coelho Bouças;

Vice-Presidente — Dr. Ernesto Pereira Carneiro Sobrinho;

Comissário Nacional — Comte. José de Araujo F.º;

Secretário Geral — Dr. Fernando Mibielli de Carvalho;

Tesoureiro — major Homero de Almeida Magalhães;

Secretário de Publicidade — Dr. Pedro Fraga;

Comissário Internacional — sr. Mauro Vieillefon Galliez.

— **Visita de Confraternização** — Esteve em visita à U.E.B. o chefe Padre Manoel Ferreira da Silva, secretário geral e capelão do Corpo Nacional de Escutas, de Portugal. A diretoria nacional da U.E.B. fez uma solene recepção ao visitante, ocasião em que este fez entrega ao presidente da reunião, Ch. João Fernandes de Brito, da recompensa escoteira "Cruz do Mérito", como uma homenagem da entidade escoteira portuguesa, à União dos Escoteiros do Brasil, pelos serviços prestados à causa da mocidade brasileira.

NOTICIARIO INTERNACIONAL

— **Censo Escoteiro** — De acôrdo com o documento, Informe Bienal, que o cel. Jhon S. Wilson apresentou à XIV Conferência Escoteira Internacional, o censo efetuado em 31 de Dezembro de 1952, apresenta-nos um total de 5.561.993 elementos efetivos no Movimento Escoteiro Universal.

Próximas reuniões escoteiras internacionais

- Reunião dos Comissários Internacionais — Helsinki, Finlândia, Julho de 1954;
- Acampamento Internacional de Patrulhas — São Paulo, Brasil, de 27 de Julho à 3 de Agosto de 1954;
- Acampamento Nacional da Venezuela — Agosto de 1954;
- Reunião da Equipe Internacional de Adestramento — Gilwell Park, Inglaterra, de 31 de Agosto à 2 de Setembro de 1954;
- 2.º Camporee Centroamericano — San Jorge Muxbal, Guatemala, de 2 a 9 de Dezembro de 1954;
- Acampamento Nacional de Cuba — La Habana, 26 à 31 de Dezembro de 1954;
- 8.º Jamboree Mundial — Niágara, Canadá, de 18 à 28 de Agosto de 1955;
- 15.a Conferência Internacional de Escotismo — Niágara, Canadá, Agosto de 1955;
- Reunião do Conselho Interamericano de Escotismo — Canadá, Agosto de 1955;
- 2.a Indaba Mundial de Chefes Escoteiros — Holanda, 1956;
- 4.a Conferência Interamericana de Escotismo — Brasil, 1957;
- Grande Jamboree e Rover-Moot do Centenário de Baden Powell — Inglaterra, 1957.

Degálogo de Dirigente

Escoteiro

Homenagem ao Chefe MARIO CARDIM, já falecido, e que foi um dos fundadores do Escotismo no Brasil.

DECALOGO DOS DIRIGENTES DO ESCOTISMO

São Paulo, 17 de Julho de 1936.

Art. 1.º — O escotismo não é absolutamente, movimento de caráter militar. Assim o afirma insistentemente seu fundador, general Baden Powell. O ensino limitado de certos exercícios é simplesmente feito para facilitar o movimento em conjunto, em cerimônias que se reproduzem muito raramente. A frequente repetição de marchas e paradas deve ser evitada.

Art. 2.º — A União dos Escoteiros do Brasil, é rigorosamente neutra em matéria política, no sentido partidário. Apesar de reconhecer a necessidade de educação política da juventude, não só entende que essa educação é extemporânea na idade do escotismo, como ainda quer colocar-se fora das lutas de partidos, para receber em seu seio, na realização de uma obra nacional, os adeptos de todas as crenças políticas. Esta orientação, porém, não se inibe de desenvolver acentuada educação cívica, de sentido geral, insenta de qualquer espírito faccioso.

Art. 4.º — Os princípios básicos da organização da U. E. B., são os da federação de organismos autônomos, em assuntos do seu peculiar interesse, porém, subordinados e dirigidos por um órgão central, que decide sobre medidas de interesse geral. Para a manutenção, equilíbrio e harmonia desse organismo, torna-se imprescindível rigoroso respeito mútuo nas esferas de atribuições de cada um, e cega obediência, aos princípios estabelecidos nos estatutos.

Os dirigentes do escotismo, não devem esquecer que os diversos agrupamentos que compõem a U. E. B. constituem uma só instituição nacional, e neste caso, não é sequer tolerável



qualquer manifestação de espírito regionalista.

Art. 5.º — O dever primordial dos dirigentes do escotismo, é o de conhecerem a fundo as obras sobre esta instituição, para praticá-la nos seus verdadeiros moldes, e fazerem estudo minucioso dos regulamentos e estatutos, para que sejam obedecidos sem discrepância.

Art. 6.º — O exemplo da prática dos princípios do escotismo, como os de honra, lealdade, civismo, obediência, iniciativa, coragem, democracia, etc. deve partir de cima para baixo: deve ser dado pelos dirigentes do escotismo, quer na sua conveniência nos organismos da U. E. B., quer fora dela.

Art. 7.º — O escotismo deve ser insento de exibicionismo. Como obra de regeneração social, deve ser recatada, para não se tornar vulgar. A preocupação dos dirigentes do escotismo deve ser a de cumprir o dever patriótico, sem ostentação e sem almejar recompensas, nem procurar servir ambições pessoais.

Art. 8.º — No seio da U. E. B. devem ser evitadas, a todo transe, manifestações de caráter pessoal, principalmente a pessoas vivas ou a autoridades, das quais os escoteiros possam depender para qualquer cousa. Os dirigentes do escotismo, devem procurar formar uma mocidade de caráter independente.

Art. 9.º — Os dirigentes do escotismo, devem ter a constante preocupação, de evitar, qualquer espécie de excessos: excessos de exercícios ou esforços desproporcionados com a resistência física infantil; excesso de disciplina, excesso de exibição, excesso de paixão, excesso de linguagem. O escotismo é obra de sã educação e equilíbrio, e de moderação em todos os sentidos.

Art. 10. — No escotismo, tudo deve revestir caráter prático de sincero humanitarismo, abnegação e civismo. Os dirigentes do escotismo, devem ser homens de aparência simples, falando pouco, fazendo muito e aliando sempre os atos às palavras.

BAZAR AMERICA

Presente para o encanto do Lar

Louças - Vidros - Cristais
Porcelanas

Material Elétrico etc.

Acordeons

Av. Presidente Roosevelt
N.º 1112

FALSOS ESCOTEIROS

Ch. Isaac Bauler
Secretário Regional

O Escotismo, pelo alto conceito de que goza, é presa fácil de aventureiros inescrupulosos, que dizendo-se escoteiros ou intitulado-se chefes, percorrem as cidades explorando a boa fé do nosso povo, solicitando auxílios para pretensos "raids", que dizem serem realizados a pé, mas que outra finalidade não têm, senão a de viver sem trabalhar e gozar viagens de "turismo", sem preocupações financeiras, para alimentar sua vadiagem.

É sabido, que nenhuma entidade escoteira pode autorizar, a realização de visitas escoteiras sem que para isto seus componentes estejam devidamente preparados e estejam em condições de suprir suas próprias necessidades, e que nenhum escotista, pode se apresentar, sem as devidas credenciais.

Tratando-se de elementos estrangeiros, deve ser exigido o passaporte Internacional, que é concedido por tôdas as entidades dirigentes do escotismo de cada país.

Como exemplo destes aventureiros, citamos o individuo Antônio Thomas, de nacionalidade uruguaia, que esteve nesta capital durante o mês de Abril, dizendo-se acompanhado de mais dois "chefes escoteiros", que diga-se de passagem nunca foram vistos. Ao ter conhecimento das atividades daquele indesejável a Diretoria Regional, fez publicar, na "Fôlha da Tarde", desta capital, uma comunicação alertando o comércio e ao povo em geral.

Por diversas vezes, Antonio Thomas foi abordado por pioneiros, que o convidavam a comparecer à sede da Região, ao que se esquivava, alegando falta de tempo.

No dia 26 de Abril porém, Antônio Thomas, apresentou-se na redação de "Fôlha da Tarde", como chefe escoteiro uruguaio, ignorando que ali trabalhava um chefe escoteiro verdadeiro, que o recebeu. Apresentou-se com um album, no qual constavam diversos recortes de jornais, com fotografias de atividades escoteiras, as quais dizia serem de escoteiros uruguaiois, quando nosso chefe que o ouvia, reconheceu serem "brasileiríssimas", e mesmo, de escoteiros pôrto-alegrenses. Como por exemplo, apresentava o individuo, uma foto da sede dos escoteiros da Sogipa, desta capital, que foi "transformada" em sede dos "escoteiros uruguaiois"... Após ser desmascarado o "chefe" fugiu de Pôrto Alegre, e há poucos dias recebemos um exemplar da Gazeta Esportiva de São Paulo, com uma foto do mesmo, onde apresentava-se como andarilho. Foi boa a lição que levou e agora como andarilho não comprometerá o bom nome do Escotismo. Alerta! senhores chefes e escoteiros, contra os exploradores.



CANTINA ESCOTEIRA

DA

REGIÃO ESCOTEIRA DO RIO GRANDE DO SUL

Os livros abaixo, encontram-se a venda na Cantina Escoteira

à Rua Castro Alves, 398 — Pôrto Alegre.

A Cantina funciona às 2.ªs e 6.ªs das 20 às 22 Horas

- Provas de Classe (Noviço)
- Curso de Monitores
- Como se Dirige uma Alcatéia
- Regulamento Técnico Escoteiro
- Livros de Jogos
- Para ser Escoteiro (2.ª edição)
- Escotismo e Religião
- O Reerguimento Moral das Massas
Pelo Escotismo
- Filosofia do Escotismo
- O Genio de Baden Powell
- Aplicando o Sistema de Patrulhas
- Como Iniciar Uma Tropa Escoteira
- Bases Fundamentais do Método
Escoteiro
- Análises do Método Escoteiro
- Padrões de Acampamento
- Que é Escotismo (2.ª edição)
- Livros escoteiros, em Francês, In-
glês, Italiano e Espanhol.
- Demais artigos para a prática do es-
cotismo, a preços vantajosos.





Em apenas
10 MESES

Você aprende
a transformar
um lapis em

MILHARES DE CRUZEIROS

aprendendo desenho!

Profissão das mais bem pagas da atualidade o desenhista tem diante de si um futuro imenso pois tudo o que as fabricas, edificios ou planeja começa na prancheta de desenho. Métodos exclusivos tornam agora o ensino do desenho **ARQUITETÔNICO - PROPAGANDA - MÁQUINAS - MODAS E DECORAÇÃO DE INTERIORES** acessível a qualquer pessoa - não importa a idade, sexo ou grau de instrução, pois se Você pode escrever, pode desenhar! Peça-nos informações **HOJE** para garantir o dia de **AMANHÃ!**



Secretaria aberta até as 21 horas

ITO Instituto Técnico Oberg

Horas - E. 408

SÃO PAULO: Rua de Consolação, 65 2.º andar
RIO - BELA HORIZONTE PORTO ALEGRE

A maior instituição particular de América do Sul,
dedicada ao ensino **EXCLUSIVO** de desenho.

Sempre...

AS ÚLTIMAS GRAVAÇÕES EM
TODOS OS GÊNEROS!



CASA VICTOR S.A.

MATRIZ: ANDRADAS, 1212

FILIAIS: AV. ASSIS BRASIL, 308 (PASSO D'AREIA) - AV. PRES. ROOSEVELT, 1236